SUMMARIO.

—

CONHECIMENTOS-UTEIS: Agricultura — Cereaes — Resenha methodica das patentes de privilegio concedidas desde 1840, e lista de privilegios de termo findo, desde o mesmo anno — Receitas, II, Grude-vegetal denominado colla-marinha, invenção de Mrs Jeffery. PARTE LITTERARIA: Biographias: III, Antonio Lobo de Carvalho (*Conclusão*) — A Guitarra, novella italiana. VARIEDADES: Vantagens hygienicas do bigode — Correio-Nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

—

AGRICULTURA.

1110 É ponto hoje muito controverso, entre os mais abalisados economistas, o decidir qual seja a verdadeira riqueza de uma nação. Dizem uns que são as maquinas, outros que é o dinheiro, alguns optam pelas artes, pelo commercio etc. Nós porém, que não somos economistas, professamos uma opinião, que felizmente temos encontrado sanccionada por alguns auctores de nome, e que não abandonaremos sem que fortes rasões a isso nos determinem. A agricultura é, no nosso modo de ver, a melhor fonte de riqueza de uma nação, mormente quando ésta, como a nossa, apresenta reunidas um tão consideravel numero de circumstancias que lhe sejam favoraveis. Sem considerar ésta parte da industria pelo que em si é propriamente, basta considerar as relações que tem com toda a economia de um paiz, e as vantagens que resultam do seu progresso, para bem depressa nos decidirmos em seu favor. Comtudo, forçoso é confessal-o, tão grande tem sido, e é actualmente a nossa desgraça, que, como se a agricultura fôra nossa cruel inimiga assim a havemos tractado, desdenhando dar-lhe a mão, para a collocar no logar que lhe compete, despir-lhe os despreziveis andrajos de mendiga, para a fazer trajar gallas de dama, e ministrar-lhe o auxilio que ella tanto nos merece.

Um exame, ainda que superficial, do estado do nosso infeliz Portugal, convencer nos-ha, que tudo até hoje tem conspirado para tornar desditosa a util classe dos agricultores; e por uma justa consequencia paralysar, ou antes diminuir os progressos admiraveis, que ésta sciencia poderia fazer debaixo da influencia de um ceu tão propicio como o nosso é, e do torrão abençoado que habitamos.

O atrasamento em que nós estamos, relativamente ao progresso scientifico da Europa, não é disto como muitos pensam a unica causa; desejavamos poder passar sôbre este ponto um denso veu, para nos pouparmos a desagradaveis confissões, veda-nos porém o silencio a sagrada condição de escriptor, que pertende pugnar pelo bem da patria quanto em suas forças couber...

A mesquinha, defeituosa, e muitas vezes nulla instrucção, que se tem proporcionado aos homens do campo, é talvez a primeira e mais poderosa causa do atrazo da agricultura; o nenhum auxilio da parte dos governos, em cujas mãos tem estado os destinos da nação; a pobreza incrivel a que teem reduzido os agricultores, ja pela immensidade de tributos com que os hão sobrecarregado, ja pelo nenhum soccorro pecuniario; a falta de estimação, e quasi desprezo com que se tem tractado um ramo tão nobre; a pessima construcção das estradas; os maus systemas de condução dos fructos; os direitos; a abolição das instituições que lhes eram uteis; a falta completissima de escholas agriculas, não na capital mas nas provincias; a ignorancia completa em que jazem os nossos agricultores ácerca dos progressos da sciencia em os outros paizes, das machinas e apparelhos por la usados, tudo isto, e muito mais que por agora não dizemos, tem influido como astro de mau agouro sôbre os nossos campos, que aliás podiam ser-nos tão uteis.

Debaixo da influencia de tão crueis circumstancias como poderá erguer-se e prosperar uma industria a tantos respeitos util? Só um auxilio decidido da parte do governo poderia restituir-lhe todo o viço que ella necessita para progredir, e viver não uma vida inferma e achacada, mas feliz, e muito feliz. Sera porém isto possivel? É sem duvida. Será porém provavel? Não por certo.

Quando os governos se acham envolvidos nos intrincados labyrinthos da politica, quando os seus cuidados se limitam so ás questões dos partidos; quando o gabinete se transforma em uma arena de desafios, em que se quebram lanças dias e noites, para que uma facção se não rebelle, para que um partido se não agite, para que uma eleição se não perca; a nação toda padece, as artes definham, o commercio enfraquece, e o povo, o dador dos tributos, o salvador dos governos, o que trabalha e sua para ganhar o pão de todos os dias, o que lavra a terra e semeia a messe; esse, coitadinho, sente a fome roer-lhe as entranhas, e quando quer allegar os seus foros, e pedir justiça, ou ja de fraco não tem forças para o fazer, ou se o consegue, ouve a risada escarnecedora do egoista, do agiota e do mercenario, que lhe responde repimpado na sua ottomana: companhias, agiotagem, emprestimo, e nada de agricultura, nada de artes, porque são chimeras que nada valem.

Se contemplarmos os nossos campos, e os ossos camponezes, convencer-nos-hemos de tão fatal verdade. Hoje a agiotagem, tem feito um mal terrivel á agricultura; os grandes lucros, para conseguir os quaes dispensam braços e intelligencia, teem-se tornado o sonho de quasi todos na nossa terra, incluindo os governos. Nunca progrediu tanto o imperio das cifras. A prova está no desprezo da maior riqueza do paiz e nas causas do seu atrazo, como acima notámos. Parece-nos, que se hoje se realisasse a fabula do rei Midas, ninguem se ia lavar no Pactolo, porque antes queriam morrer cercados de oiro, do que ver dourar os campos com as searas, e colher os fructos de um trabalho tam honesto.

Se porém tam grande tem sido os desleixos em que hão deixado a nossa agricultura, que jaz como o paralytico, que esperou annos juncto da piscina; fé e muito grande tenho eu, de que seria ainda facil alliviar-lhe os males, e tornal-a ao logar que lhe compete. Para se conseguir tam util resultado não basta, é verdade, os bons desejos e as boas palavras, indispensaveis são muitos trabalhos, fadigas, despezas, desgostos e sacrificios; porém quanto não deve ser agradavel o resultado!

Nos ja daqui convidamos todos os homens amadores do seu paiz, e para quem a agricultura não é uma chimera, e a agiotagem o seu idolo, para que se al-

listem em a nossa crusada, e concorram com os seus conhecimentos para o engrandecimento da agricultura. É opinião nossa, que ja tivemos a satisfação de ver approvada por um nosso distincto sabio, que a agricultura é talvez a sciencia em que maiores vantagens se colhem de unir os homens da theoria com os da pratica, o rustico com o do gabinete, o instruido com o ignorante, o que le e examina as theorias, com o que não le mas pratica. Ninguem haverá por ahi que ignore os vastos conhecimentos que se requerem em um homem, para que cabidamente lhe compita o glorioso nome de agricultor. Em Portugal liberalisa-se com facilidade este titulo, e o que por uma simples rotina remexe a terra, semeia e colhe, confunde-se no appellido com o que nos outros paizes se chama verdadeiramente — agricultor.

A cultura da terra não é, como alguem poderá pensar, uma coisa facil, e que a pratica de alguns annos possa cabalmente ensinar; se attender-mos ás relações em que a terra está, não so para com os homens, mas para com a atmosphera; a diversidade de suas posições geographicas, a variedade dos seus elementos chymicos, considerados, não so quanto á sua qualidade, mas em quanto ás proporções em que se acham combinados; o diverso aspecto physico que nos apresenta, e o clima em que existe; convencer-nos-hemos de que muitos e variados devem ser os estudos do homem que se applica a uma tal tarefa, repetidas e quotidianas as observações, e continuas as experiencias.

Diz um sabio escriptor contemporaneo, e portuguez, que o agricultor, percorrendo o seu mesmo campo, encontra, antes de lhe chegar ao termo mui diversas especies de terreno, a respeito das quaes lhe é forçoso modificar o plano de cultura, que a principio tivesse estabelecido.

Ésta diversa natureza do solo, proveniente de muitas causas differentes, éstas relações mutuas do terreno e da atmosphera, todas as particularidades que o simples agricultor apenas percebe, mas não póde avaliar cabalmente, são outros tantos motivos que devem chamar em seu auxilio o sabio, que, posto não pratique, póde comtudo servir de muito ao homem do campo. Sirva-nos este artigo de prologo, ou introducção, a outros que tencionamos publicar sôbre identico assumpto, reservando-nos para então o tocar diversos pontos, que nos parecem de bastante importancia.

Rua do Moinho-de-Vento
em 28 de outubro.

João José de Sousa Telles.

CEREAES.

1111 Deus lhe perdôe, porque era bom homem, e por isso se peccou foi involuntariamente, mas nenhum outro fez mais mal inadvertidamente, a Portugal, do que foi Francisco de Lemos Bettencourt, quando nas constituintes em 1821, tanto insistiu e tanto pugnou, para acudir á sua ja avariada lavoira, pela lei dos cereaes, da qual nada houve que mais atrazasse a nação, porque impediu que se deitassem abaixo os foraes, impediu uma receita para o thesouro de 500 contos annuaes, e impediu que o povo de Lisboa, e toda a nossa beiramar, tivessem o pão por menos 150 rs. o alqueire do que o tem tido ha bastantes annos, por causa da prohibição que foi então imposta ao commercio do grão, que ficou depois mal supprido pelo contrabando da Hispanha.

Sustentou a commissão da agricultura no soberano congresso, o projecto de lei que apresentou, argumentando com a seguinte importação de cereaes, que tinha havido em Lisboa.

RESUMO.

Annos	Moios	Reis.
1814	61.889	2.413.768$000
1815	148.881	5.064.952$000
1816	62.163	2.054.857$000
1817	44.446	2.006.861$000
1818	175.596	7.437.570$000
1819	107.009	2.928.805$000
1820	40.468	1.118.559$000
7 ¼	640.452	23.025.372$000
1 anno	91.494	3.289 339$000

Este resumo diz que são os cereaes entrados no terreiro publico de Lisboa sómente, não inclue os que tivessem entrado no Porto ou pelos portos seccos. Neste modo de dizer, que é ja vicio nosso inveterado, se mostra como incompletamente trabalhamos sempre. O Porto e as provincias não pertencerão ao reino? Sendo pois como parece, esta entrada só para Lisboa, ella é consideravel.

As suas causas comtudo, não é preciso buscal-as longe, porque não é preciso sahir fóra do relatorio por ellas. Diz elle — *Os odiosos foraes, jugadas, quintos, quartos, alças nas terras da corôa, servidões pessoaes, caudelarias, sisas, milicias, transportes, embargos, recrutamento, abuso e arbitrariedade das authoridades sobre todos estes objectos, devassas geraes, posturas, coimas, decimas, maneios, rendeiros de morgados, e monopolistas de herdades, falta de estradas, de pontes, e de canaes, pantanos, sapaes, charnecas incultas, falta de população, e igualmente de braços, e muitos outros obstaculos ao progresso da cultura da terra, pesam sobre esta fonte perenne...*

Estes motivos eram sobejos para que a agricultura não podesse existir, e ainda nesta longa lista, faltaram os *dizimos*, em que não ousou tocar a mal concertada commissão, cujo relatorio é menos que mediocre.

Chamo, sem gravame de consciencia, mal concertado ao relatorio d'esta commissão, porque, enumerando seus auctores um sem número de onus, subsistindo os quaes, que absorvem mais do que o capital, não era possivel á agricultura medrar, em logar de elles tractarem de os remover, deixam-os ficar *ad perpetuam*, e o unico remedio que propoem, é ir flagellar o consummidor. Não póde haver nada mais intempestivo.

O espirito de classe, que é sempre curto d'idéas, e o qual dictou a lei dos cereaes feita pelo soberano congresso em 1821, evidenceia-se nos proprios algarismos, em que os mesmos membros da commissão se apoiaram, para a promulgarem. Os preços medios ti-

rados das totalidades dos réis, divididos pela totalidade dos moios de cada anno, foram para

Anno	Rs.	Por alq.
1814	600	»
1815	570	»
1816	550	»
1817	760	»
1818	700	»
1819	460	»
1820	460	»
		»
Termo medio	600	»

Este termo de 600 rs. alqueire de cereaes, é alcançado incluindo trigo, centeio, cevada, e milho, na mesma conta, não tendo vindo os preços marcados no resumo para nenhuma das qualidades em separado. O trigo figurando como 64, o milho como 20, o centeio 2, e a cevada 13, nos 640.450 moios de cereaes entrados do estrangeiro entre 1814 e 1820 no terreiro público de Lisboa, é possivel, fazendo a reducção conveniente, nos 20, 2, e 13, dos cereaes inferiores, e accumulando essa reducção em augmento dos 600 rs. chegar approximadamente ao provavel preço do trigo. Esta reducção póde-se fazer considerando o milho a 400 rs., o centeio a 240 rs. e a cevada a 300 rs. o alqueire. Estes preços sendo reputados como 600 para 400 em 64 para 20 no milho; 600 para 240 e 64 para 2 no centeio; e 600 para 300 e 64 para 13 na cevada, dão para o trigo o preço de 728 rs.

Argumentarem os signatarios do relatorio, para aquelle tempo mesmo em que este preço era baixo, não foi argumentar com sinceridade, porque afinal, o preço regulador que se pediu e obteve nas côrtes d'então, foram sómente 800 rs

A razão porque sahiram do terreiro em

	Moios estrang.	Moios nac.
19 de agosto de 1819	988	12
16 « «	1061	23
23 « «	1304	80
30 « «	1036	29
4 de outubro de «	991	20
11 « «	904	22
18 « «	865	20

não póde ser devido aos preços, deve ter outra causa. Esta causa era porque realmente elle não se produzia, pelas razões que ponderou a commissão e que ja ficaram transcriptas.

Não era assim em quanto ao resto do reino, porque sendo provavelmente a população de Portugal em 1820, uns 3,000.000, estes augmentando-lhe o penso dos gados, e as sementeiras, não podia deixar de haver pelo menos annualmente 1.500,000 de cereaes. Se destes se tirarem 91.494 moios, termo medio estrangeiro, ainda ficam por supprir 1,498 506 moios, ou 94 em 100, ou 343 em 365 dias, que devem ter sahido da lavoira nacional.

Em todas essas averiguações estatisticas que tenho feito, sobre a nossa agricultura, nenhum outro espirito me conduz, senão o de achar a verdade; e tambem é elle unicamente, que me podia conservar por tanto tempo na cogitação de um mesmo assumpto; porque ja ha bastantes annos, que sobre este objecto me detenho. Digo isto em minha defensa porque alguem haverá que injustamente pense que me dou a tanto trabalho por prevenção que tenha contra a agricultura.

Os meus desejos são bem pelo contrario de todas essas idéas, e horroriso me quando vejo tres annos no resumo como os de

Anno	Moios	Réis.
1815	148.881	5.064.952$000
1818	175.596	7.437.570$000
1819	107,009	2,928.805$000

tudo isto causado unicamente pelos estorvos lembrados pela commissão no seu relatorio, e não como consequencia commercial, ou meteorologia.

A perda dos jornaes e braçagens é horrivel, repito outra vez, na cessação dos trabalhos para a producção de tanto milhar de moios de cereaes que em lugar de serem cultivados no paiz tiveram de vir de fóra, mas deve-se entender que ha muita differença entre perdas de capitaes quando as novidades vem a faltar, e o não emprego desses capitaes. Neste ultimo caso perdem-se sómente os lucros. Muito diverso é lavrar uma lisiria, vir uma cheia, e levar a sementeira, ou não ter havido ésta, nem se ter feito despeza alguma na lisiria. Ha ahi so a perda dos ganhos cessantes, não ha os damnos emergentes. Sempre ha prejuizo, ninguem o nega.

As revoluções sérias em Portugal tem sido os interesses agriculas, que as tem feito. Nada promoveu tanto a de 1820, e a sua unanimidade, como foram as muitas oppressões senhoreaes e banaes, que os campos experimentavam. A isto, póde-se ajuntar um facto, que eu não vejo apontado por nenhum contemporaneo, é a despeza do exército. O orçamento de 1819 dá para este capitulo nada menos de 6,500 contos, e uns 4,000 contos para o resto dos gastos do Estado, de maneira que sem côrtes, e com um governo de feitôres, assim mesmo íam-se embora 10.500 contos á nação.

Ninguem póde tirar as feições de agricula á revolução do Minho, que Deus queira que se não repita, visto que ha quem lembre, para recurso financeiro *meios dizimos*; não quero entrar na analyse da nossa contribuição directa, a decima; nem nos effeitos que infallivelmente hade ir tendo a lei de 13 de agosto de 1832; nem na reacção que se prepara com a restauração dos foraes, em logar da sua remissão. Está predestinada para Portugal, a sorte de Ashavero, que era caminhar sempre perdido.

C. A. da Costa.

RESENHA METHODICA DAS PATENTES DE PRIVILEGIO, CONCEDIDAS DESDE 1840.

1112 Em França e Inglaterra publicão-se annualmente as patentes d'invenção, aperfeiçoamento e introducção, que se fazem nos dictos paizes. A REVISTA, imitará tambem aquella boa prática, começando hoje a dar a relação dos privilegios concedidos em Portugal, para conhecimento dos nossos artifices.

Convem primeiro recordar: que a lei de 16 de janeiro de 1837, concede até o praso de 15 annos para as patentes d'invenção e melhoramento, e de 5 annos para as d'introducção, sendo esta posta a concurso.

As patentes d'introducção vão marcadas com um asterisco *

1840

Asphalto arteficial. — Barão d'Eschwege — methodo de fabricação d'asphalto arteficial (10 annos — 5 de settembro). — Lisboa.

Cal. — Pedro Romão Chauset — novo forno para coser cal (14 annos — 11 de settembro). — Na ilha da Madeira.

Feltro. — Henrique Augusto Welles — fabricação de pannos e varios tecidos por meio de feltro (14 annos — 2 de janeiro). — Lisboa.

Hydraulica. * — Luiz Antonio Monteiro — faxa ou cinta hydraulica (5 annos — 12 de dezembro). — Ja terminou póde-se examinar no conservatorio d'artes e officios da capital.

1841

Cortiça. — Biester, Falcão & C.ª — machina para cozer cortiça (15 annos — 9 de outubro). — Setubal.

Cortume. — Honorio Fiel Lima — cortimento de pelles por meio da pressão atmospherica (15 annos — 2 de janeiro). — Lisboa.

Fechaduras. — Domingos de Sancta-Agatha — fechaduras de nova invenção (5 annos — 15 de julho). — Ja terminou. — O modello existe no conservatorio d'artes e officios da capital. — Lisboa, rua da Trindade.

Salga. — Carlos Payne — machina e processo para salgar carne e peixe (14 annos — 5 d'agosto). — Lisboa.

Serradura. — Pedro Bartholomeu Dejante — machina a vapor para serrar madeiras, marmores e outros objectos (15 annos — 30 de dezembro). — Lisboa, a Boa-Vista.

Tijolos. — Ignacio Antonio da Silva Lisboa — fabricação de tijolos para limpar metaes (10 annos — 25 de janeiro). — Lisboa, rua do Cura.

1842

Arroz. — Manuel Ribeiro Guimarães e Jacintho Dias Damasio — machina para descascar arroz e fazer cevadinha (15 annos — 13 de janeiro) — Lisboa.

Azeite. — Francisco Guilherme Burnay — machina para extrahir azeite da planta denominada purgeira (15 annos — 21 de outubro). — Lisboa, em Alcantara.

Cevadinha. — Manoel Ribeiro Guimarães e Jacintho Dias Damasio — machina para fazer cevadinha e descascar arroz (15 annos — 13 de janeiro). — Lisboa.

Papel e Papelão. — Pedro Hospice Andre Gitton — massa feita do excremento do gado vaccum e cavallar para fazer papel e papelão (8 annos — 6 de agosto). — Lisboa, rua do Arco do Marques.

1843

Botões. — Carlos Frederico Gersthacher — methodo para fabricar botões de metal com pé flexivel (5 annos — 4 de março). — Lisboa.

Fosforos. — José Osti — machina para fabricar palitos fosforicos (12 annos — 3 de julho). — Lisboa, na Praia de Sanctos.

Navegação. — João E. Martin, Bernardino Joaquim d'Azevedo — machina intitulada — escorregadio de Martin e Azevedo — com a qual se póde tirar qualquer navio para a terra firme, concertal-o exteriormente e leval-o depois á agoa com segurança e sem perigo (15 annos — 18 de agosto). — Lisboa.

Noras. — Antonio José Gonsalves Verde e José Ignacio Canongia — nova nora hydro-velocida-centrifuga (15 annos — 18 de settembro) — Lisboa.

Papel. — Onofrio Cambiagio — papel feito com massa de palha d'arroz (15 annos — 23 de dezembro).

1844

Chapeos. — Carlos Wellenkamp — processo pelo qual s'evitão as nodoas oleosas nos chapeos procedentes da transpiração da cabeça (5 annos — 21 de junho).

Fosforos. — Ildefonso Garcia Pego — mixto fosforico applicado em pavios de cera (5 annos — 14 de maio).

Oleos. — Henrique Mayer — machina para fabricar oleos, excepto o da purgueira (5 annos — 18 de abril).

1845

Pedras. — Carlos Augusto Rordorf — machina para talhar, brocar e aplainar pedras (15 annos — 23 de outubro).

Cortiça. — Henrique Handsword — machina para fazer rolhas de cortiça (5 annos — 16 de janeiro).

Fosforos. — José Osti — mixto fosforico para ser applicado em palitos e isca arteficial, e bem assim de um processo pelo qual aquelles palitos e isca ficam sem cheiro (15 annos — 17 de abril). — Lisboa, na Praia de Sanctos.

Galvanismo. — Raimundo José Pinto, João Diniz Collares, Spacio Viule — novo apparelho galvanico para dourar, pratear, cobrear e platinisar metaes (15 annos — 8 de janeiro).

Isca. — José Osti — isca arteficial sem cheiro (15 annos — 17 de abril). — Lisboa, na Praia de Sanctos.

Linho. — Frederico Thilo — machina para fiar linho (5 annos — 17 de abril).

Navegação. — Manuel Luiz dos Sanctos — machina denominada; Estaleiro Docka (15 annos — 26 d'abril).

Madeiras. — José Van-Zeller como cessionario de Carlos Payen — processo chimico pelo qual se preservam as madeiras do bicho e corrupção, e se evita que no caso de incendio levantem lavareda (9 annos — 12 de dezembro).

1846

Gaz. — Claudio Adriano da Costa e José Detry — novo apparelho para a fabricação de gaz (15 annos — 13 de maio — annullado por decreto de 6 de julho — revalidado por decreto de 2 de novembro). — Lisboa.

Luvas. * — Felix Baron — machina para fazer luvas denominada: Jouvin (5 annos — 17 de fevereiro). — Lisboa.

Molduras. — Guilherme Hickling Burnet — machina para aplainar e fazer molduras em madeiras (15 annos — 2 de julho).

Refinação. Antonio da Cunha Souto-Maior Gomes Ribeiro — melhoramento em uma machina movida por vapor, pela qual se refina e cristalisa assucar (15 annos — 13 de julho). — Lisboa.

Torneiras. — João Chrisostomo Soares da Silva — torneiras de ponta de boi e marfim, tam vedaveis como as de bronze (15 annos — 30 de junho). — Lisboa.

RESENHA DOS PRIVILEGIOS D'INVENÇÃO OU INTRODUCÇÃO CUJO PRASO TEM EXPIRADO, DESDE 1840 A 1847.

1840

* Barão de Quintella — verrumas ou sonda terrestre para extrahir agua (20 de junho de 1825 — 15 annos).

Benjamin Rotch — novo methodo para segurar os mastareos dos navios (6 de dezembro de 1826 — 14 annos).

1843

Barão de Quintella — soda ou barrilha, acido sulfurico e oleo de vitriolo extrahido do sal marino (20 de julho de 1829 — 14 annos).

1845

* Luiz Antonio Monteiro — faxa ou cinta hydraulica (12 de dezembro de 1840 — 5 annos).

1846

José Van-Zeller — processo chimico para preservar as madeiras do caruncho e podridão (14 de settembro de 1838 — 8 annos).

Domingos de Sancta-Agatha — fechaduras de nova invenção (15 de julho de 1841 — 5 annos).

1847

Elias Sanguinetti — machina para encavar garfos e facas e para trabalhar em aço, marfim e madeira (2 de settembro de 1833 — 14 annos).

RECEITAS.

II.

GRUDE-VEGETAL DENOMINADO COLLA-MARINHA; INVENÇÃO DE MRS. JEFFERY.

1113 Multiplicados melhoramentos e invenções se fazem diariamente em França e Inglaterra, os quaes muito convinria generalisar entre nós, para augmento e prosperidade das artes em Portugal; e por isso extrahiremos hoje de um dos jornaes especiaes de maior credito, a presente receita, que poderá contribuir para o fim que levamos dito, e esperamos que os artifices e industriaes encontrarão n'ella um poderoso auxilio.

PREPARAÇÕES.

Este grude é muito adherente, elastico e insoluvel na agua, o seu uso é principalmente applicado para unir as peças de madeira empregadas na construcção naval.

Prepara-se pela seguinte fórma:

Dissolve-se em (4 gallões) $8\frac{1}{2}$ canadas (portuguezas) de oleo de naphta, ou naphta em bruto: uma libra de gomma elastica (vulgo, borracha) de boa qualidade, partida em pequenos fragmentos. Agita-se de quando em quando, até se completar a dissolução da borracha, e tanto, que a massa d'este mixto adquire uma consistencia um pouco espessa, o que tem logar passadas 10 a 12 horas da immersão, junte-se-lhe gomma laca, ou ainda melhor laca em bruto, na proporção de duas partes de peso de laca para uma parte da dissolução: depois vasa-se o mixto em uma caldeira de ferro, munida na parte inferior de um tubo de descarga, a qual se põe sôbre o fogo. Em quanto a materia vai aquecendo, meche-se constantemente, para tornar bem intima a combinação.

O composto que della resulta é a colla-marinha de gomma-elastica (borracha), a qual se retira quente do vaso de ferro, pelo tubo de descarga, e se lança em pias de pedra, ou outros quaesquer vasos, para resfriar, e d'aqui se parte á vontade de cada um, e se conserva para uso.

O auctor prepara tambem uma outra especie de grude, sem gomma-elastica, misturando somente uma parte em peso de naphta em bruto, e duas partes de gomma-laca ou laca em bruto, e operando-se da mesma maneira que acima se expende.

USO.

Quando se quer usar d'este grude, aquece-se em um vaso de ferro na temperatura de quasi 120° (graus) centigrados e applica-se quente, por meio de um pincel, sôbre as superficies que se pertende unir, tendo o cuidado de o extender em camada bem uniforme.

Unem-se depois as peças de madeira, e ligam-se por meio de cordeis bem apertados; como a temperatura do grude desce tanto mais quanto se extende e indurece, é necessario amolecel-o até o levar a 60° centigrados, o que se faz passando por cima um ou mais ferros bem quentes, e então se aproveita d'esta circumstancia para unir as superficies e ligal-as por meio de argolas *ou virolas* de ferro adaptadas ás extremidades da peça.

Se as superficies de contacto estão bem dispostas, applica Mrs. Jeffery uma pequena camada de grude sôbre cada uma; mas, se apresentam desproporção, dá a camada de grude mais espessa para d'este modo preencher as desigualdades.

Mrs. Jeffery não so faz uso da sua colla-marinha, para unir as peças de mastreação e outras, mas tambem para reparação das peças fendidas, enchendo as fendas com o grude levado á temperatura de 12° centigrados.

É porém de notar que a proporção dos ingredientes de que fallamos varía segundo as circumstancias, o que a pratica melhor aconselhará. Assim pois, empregando se maior quantidade de laca, tornar-se-ha o grude mais consistente e duradoiro, e resistirá melhor ás intemperies do ar, e se se augmentarem as quantidades de naphta, ou gomma-elastica, o grude adquirirá mais doçura e elasticidade.

(Rep. of. pat. inv.)

A. A. S. P.

PARTE LITTERARIA.

BIOGRAPHIAS.

III.

ANTONIO LOBO DE CARVALHO. *

1114 Por esses poucos sonetos, que deixâmos citados, por muitos outros, que se encontram nas col-

* Concluido de pag. 509.

lecções de suas obras, que alguns curiosos possuem, se vê que o poeta não dirigia as setas da sua satyra sómente contra as ridicularias, e baldas pessoaes, como Nicolau Tolentino, que se limita a esse pequeno circulo, e algumas notas sobre costumes; mas que punha a mira mais alta, e atacava os vicios. Tolentino era um poeta de salões, e so tinha por fim fazer rir os seus amigos, e os grandes, que o protegiam, e a quem continuamente adulava; porém Lobo era um poeta popular, e que a ninguem perdoava.

Mas este homem tão mordaz, e tão caustico, que por vezes se desmede em suas expressões, chegando muitas vezes a cahir no estilo obsceno, sabe quando quer, dirigir-se aos Grandes em termos jocosos, e decentes, como acontece quando prognostica ao conde da Calheta o nascimento de um filho varão, o que faz nestes termos:

SONETO.

Eu tenho, excelso conde um livro antigo,
Nunca das mãos me sahe ou da algibeira,
Que um sigano deixou a uma parteira,
A qual em vida quiz casar comigo!

Contém de adivinhações um longo artigo
Signaes de parto pela vez primeira;
E tracta ésta questão em lauda inteira,
La Dama encinta si trae hombre, ó hijo;

Com que eu ca me intendo: isto supposto,
Quereis vós apostar um tanto ou quanto,
Pois mais que o ganho, a perda vae de gosto?

Se for varão, que venha a lume santo,
Perdeis uma casaca, e eu sempre aposto,
Sendo femea, atraz della andar de manto.

Este soneto é, segundo meu fraco intender, um dos melhores deste genero, que se tem escripto em portuguez; os versos são bons, a historia do livro, o modo com que veio á mão do poeta, o que contem é tudo cheio de espirito, e de graça, e a aposta em que pede se ganhar uma casaca de alviçaras, e se perder promette andar toda a vida de manto atraz de menina, que nascer, é a bufoneria mais chistosa, e original que póde imaginar-se: e quem não ha de rir-se figurando-se Antonio Lobo, homem mui alto com sua cabelleira de annos, e rabicho até á cintura, de saia, e de manto acompanhando em passo grave a filha do conde da Calheta?

Felizmente para o poeta a condeça foi no dia de Santa Ritta alumiada com um filho, e Lobo não se descuidou de reclamar o ganho da aposta no seguinte

SONETO.

Santa Ritta a impossiveis consagrada,
Todo o mundo a respeita com fé pia;
Cassia o diga, que incrivel romaria
Não cobre o seu altar, e a sua entrada!

Mas co'a illustre condeça attribulada
Na acção do parto, cuja dôr sentia,
Que fez a Sancta? emprestar-lhe o seu dia,
Mas além disso, não lhe fez mais nada.

Mais fiz eu, que observando o meu planeta,
Bem que sou de futuros lingua fraca,
Vaticinei um conde em linha recta.

Morda-se a inveja agora impia e velhaca,
E emtanto accendereis a este propheta
Tres velas de calção, vestia, e casaca!

Estava neste tempo em voga a galliciparla, especialmente entre a numerosa classe dos empregados publicos, entre os frades, os letrados, e os fidalgos, que pertendiam passar por instruidos, substituindo á lingua de Camões, e de Barros, tão energica, e tão sonora, um mixtiforio de palavras francezas, apertuguesadas, e de vocabulos portuguezes afrancesados; uma especie de lingua franca, que dava riso, e indignação aos homens de juizo, e amadores do idioma lusitano. Entre ésta seita de tarellos distinguia-se José Manoel Ribeiro, secretario da junta do Pará e Maranhão, que adquiriu triste celebridade nos versos de Francisco Manoel, que lhe conferiu o titulo burlesco de *francelho-mór*. Este homem deu á luz uma traducção do Telemaco, escripta naquella linguagem nova, e que o grande lyrico denominou o *Telemaco capado*, porque o malaventurado traductor lhe suprimiu diversos trechos, accrescentando-lhe outros de sua invenção. A obra foi muito censurada pelos arcades, e Antonio Lobo não tardou em fazer côro com ella neste

SONETO.

Por um barbante do seu cão guiado
Por Lisboa apregoava um pobre cego;
E mais facil lhe fôra achar um prego
Que comprador ao livro apregoado.

Era o livro o Telemaco tornado
A frio portuguez gallico-grego,
Obra de um tal doutor, que eu arrenego,
Em cuja bocca ninguem é letrado.

O cego, que quer cousa, que lhe renda,
Vendo ser a versão mal recebida,
Vai-lhe a casa gritar, dar-lhe a encommenda.

Senhor, (lhe diz) esta obra foi perdida,
Só para adubos em alguma tenda
Póde este seu tominho ter sahida.

Este soneto é bom por ser escripto em bons versos, e com bons estilo, porque a censura é justa, e puramente litteraria, e porque a idéa é uma daquellas invenções originaes, que Antonio Lobo repetidas vezes deparou em sua fecunda imaginação.

O marquez de Pombal, descontente do modo porque era fiscalisada a fazenda publica, e feita a sua comptabilidade, aboliu o antiquissimo *tribunal das contas*, substituindo o pelo *Erario regio*, a quem deu regimento, que lhe pareceu apropriado aos fins que tivera em vista na sua creação.

Quiz mais, além disso o grande ministro, que nenhum dos empregados do antigo tribunal fosse admittido na nova repartição, porque (disia elle) um unico que la entrasse bastaria para enxertar nelle todos

os vicios, e abusos que tornaram necessaria a extincção da antiga repartição. Conservou porém a todos os seus ordenados por inteiro, tamanho era o respeito que então havia pelos direitos adquiridos, e pelos serviços, tanta era a sollicitude do governo em não abandonar á miseria centenares de familias, tirando-lhe os meios de subsistencia!

Composto pois o pessoal do Erario de mancebos com as habilitações necessarias, e iscados das idéas philosophicas que ja principiavam a lavrar, estes despresando os brios, e gravidade pedantesca dos antigos empregados publicos, trajavam no rigor da moda, frequentavam theatros e cafés, e alguns delles levaram a sua immoralidade a ponto de abandonarem as cabelleiras e rabichos, e usarem cabello seu.

Foi isto um grave escandalo para os homens *pés-de-bois*, e para os beatos da eschola jesuitica, e todos declararam guerra *aos eraristas*, que assim lhe chamavam por despreso, e nas conversas nos adros das igrejas, nas partidas de gamão nas boticas, nas palestras nas lojas de capelista, e nas funcçanatas nas espeluncas dos pasteleiros, (as cazas de pasto eram ainda desconhecidas) os tratavam de *Petimetres*, de *Faceiras*, de *Casquilhos*, e *Franchinotes*, e se ja existissem tarellos do nosso tempo, não deixariam de applicar-lhe a denominação de *dandy*, vocabulo com que esses cavalheiros nos tem enriquecido o diccionario da lingua.

Ha muitas satyras desse tempo, em que os eraristas são mettidos a bulha, muitos entremezes que fazem alusão ao seu modo de viver; mas aquella boa rapasiada, contente de desempenhar bem os seus deveres zombava de taes apodaduras, e ainda mais de quem as fazia!

O nosso Lobo, não sabemos porque, tomou entre dentes aos eraristas, como havia tomado os capellistas, e disparou contra elles uma rociada de sonetos no gosto do que vamos citar para exemplo.

SONETO.

Vocês não me dirão, valha a verdade,
Que gente é ésta ha pouco apparecida,
Toda authentica, toda presumida,
Que são os pais, e avós da gravidade?

A casaca maior que a eternidade,
Com forro de setim, feição comprida,
Onde o seu canhão mór leva embebida
Uma veste, e calção muito á vontade!

Um chapeu, que fez paz co'a cabelleira,
E em tudo segue o methodo contrario,
Desta nossa armação de frigideira.

Mas ta, ta! que pergunto! eu estou vario!
Ja intendo! isto é cousa que me cheira
A mestre em dança, ou aprendiz do Erario.

João Xavier de Mattos, não era so erotico na sua poesia, como acontecia a muitos; mas dominava-o a compleição amorosa, a ponto de cortejar quantas moças via pelas janellas, e muitas vezes parava para observal-as, e bem que Lobo fosse seu intimo amigo, que muitas vezes morassem juntos, e até dormissem na mesma cama, tanta era a pobresa de ambos, nem por isso lhe desculpou ésta balda, e lhe dirigiu o seguinte

SONETO.

Assim que vez deixada da costura
Detraz da adufa a timida donzella,
Como um raio João, com os olhos nella,
Lhe encampas reverente uma mesura.

Safa-se a moça; e o pai, que por ventura
Vem chamar o aguadeiro da janella,
Repara então, que a filha se acautella
Dessa tua scismatica ternura.

Por amante basbaque a bom capricho
Te apponta logo o ginja furibundo,
Se é que prompta não tem a pá do lixo.

Ora casa te, amigo, e logra o mundo;
Que é trabalho menor ser cuco fixo,
Do que andar quebra-esquinas vagabundo.

Nem pense o leitor que foi ésta a unica vez que as settas satyricas de Antonio Lobo se dirigiram contra João Xavier de Mattos. Havia este publicado uma canção, e nella terminado uma strophe com estes prosaicos versos.

Sómente a gloria de morrer espero
Abraçado co'a minha paciencia.

Foi isto motivo sufficiente para o Lobo lhe arremessar logo ésta recartilha de quatorze estallos.

SONETO.

Que diabo de choro, ou de lamento
De bregeiras irá por essa rua?
Algum poeta deu a ossada nua,
E a dar ais vão as musas cento a cento.

De quem será o embrulho bolorento,
Que tão pobre caminha á terra crua
Envolto n'uma esteira de tabua,
Sem hyssope, sem cruz, sem um *memento?*

Quem será este heroe, que assim nos foge
Dos deuses para aquella convivencia,
Que dos Bragas excede a fresca toja?

Quem será? (diz Apollo) ah dura ausencia!
É João Xavier, que morreu hoje,
Abraçado co'a sua paciencia!

É a este soneto, então mui conhecido e popular, que Nicolau Tolentino aludiu na sua carta em que disia de um cabelleireiro fazer versos

De que serve honra tardia?
Bem sei que o rifão vem torto;
Mas faz lembrar a cevada
Que se deu ao asno morto.

So as musas o choraram,
E o enterro devia ser
Como hoje nos pinta o Lobo
O de João Xavier.

Tambem não escapou á mordacidade de Antonio Lobo, o padre Manoel de Macedo, poeta distincto, e ainda mais distincto prégador, a quem Nicolau Tolentino, tão parco, ou para melhor dizer tão avarento de louvores ao merito alheio, não duvidou de chamar eloquentissimo, em uma das suas poesias, e a quem Antonio Diniz da Cruz e Silva honrara dirigindo-lhe uma epistola sua. Eis aqui uma das invectivas, que Lobo lhe endereçou.

SONETO.

Conheces um varão, que anda vestido
De padre, c'uma volta mui sebenta,
Fazendo cortezias de settenta,
Nos successos da igreja pouco lido?

Que tem o Pedegache defendido,
E ser o pregador melhor aventa,
Que no pulpito todo se espaventa
Em pastoris imagens suspendido!

Que janta com João Boas, que muitas praças
D'elle se contam, nunca estando quedo
Em casa do Toscano diz as graças?

Pois como não é cousa de segredo,
Quem é te digo, e novo não te faças,
É este o famosissimo Macedo.

Terminaremos citando mais um soneto, que se torna notavel pela força da expressão popular e pela verdade da pintura, e esperamos que os leitores nos desculpem de transcrevermos tantos sonetos, attendendo a que são tam poucos os escriptos deste poeta, que se acham impressos, que sem isso não poderiamos darlhe bem a conhecer a indole deste engenho tam fóra do cummum, e tam applaudido dos nossos pais.

SONETO.

A baixa prole da ralé nojenta,
Emvolta em restos de setim barato,
Armada a vãa cabeça de apparato,
Em abertas janellas se appresenta.

A escada trepa a velha rabugenta,
A quem falta o tacão ja no çapato;
Batendo á porta do lascivo tracto
Um pinto mais a pobre casa augmenta.

O lucro gira sempre confundido
Pelas mãos das adellas desbastado,
E do destro garoto apercebido.

Fuja das moças qualquer home'honrado,
Que além do gimbo, e credito perdido,
O resto é ser de vivo azougue untado.

Imaginação viva, idéas originaes, força de expressão, aproveitamento de rifoes populares, allusões chistosas, um talento raro de procurar, e deparar com o lado ridiculo dos objectos, estilo claro e correcto, versificação harmoniosa, mas nem apurada, nem desleixada de mais, graça e causticidade, fazem de Antonio Lobo de Carvalho um dos nossos melhores satyricos, e justificam a estima e popularidade de que gozou entre os seus contemporaneos.

Estamos muito longe de desejar que se imprimam os sonetos, e outras obras obscenas de Lobo, posto que não possa neste sentido comparar-se com a Martinhada de Souto-Maior, e as poesias que juntamente com ella se imprimiram: da imprensa não deve sahir cousa que faça escandalo á modestia, e que possa corromper os bons costumes; a moralidade está primeiro que tudo, mas não temos a hypocrisia dos que lançam altos gritos se encontram em um livro qualquer palavra, ou expressão mais livre, e que não transcende as raias da jocosidade. É tambem necessario attender ao tempo, em que escrevia o auctor, ha muitas palavras e termos que se tornam obscenos e sordidos em um seculo, sem o haverem sido nos seculos antecedentes. Os cadernos das côrtes de Lamego, o foral de Lisboa e de Santarem, não são escriptos obscenos, nem sordidos, e comtudo para designar o crime, então muito vulgar de metter excremento na bocca a outro, usam de uma palavra, que ninguem hoje ousaria escrever, ou pronunciar diante das pessoas de respeito, e daqui se vê que então era corrente e polida, e virá tempo em que excremento e immundicie venham a ser tam sordidos, e nogentos como aquelle vocabulo hoje. Um historiador Portuguez (parece-me que Duarte Nunes de Lião) referindo as desavenças entre D. Affonso V, e seu genro, rei de Castella, accrescenta que elles se escreveram cartas *cheias de termos sordidos e lascivos*. Não posso admitir esta asserção; não posso admitir que dous grandes monarchas se carteassem em estilo de garotos; supponho antes que esses termos que no tempo de Duarte Nunes, se tomavam como elle o faz, naquella era remota eram polidos e de bom tom. Nas comedias de Antonio Ferreira, um dos nossos poetas mais graves, ha expressões que hoje ninguem soffreria, e apezar disso aquelles dramas foram representados na presença do virtuoso infante o cardeal D. Henrique, e das pessoas mais qualificadas da côrte, sem que ninguem o estranhasse. Examinem se as collecções de entremezes, o comedias representadas no antigo theatro do Bairro-Alto, e as comedias do judeu Antonio José, e conhecer-se ha que hoje a plebecula mais grosseira não soffreria tranquilla o que alli dizem os graciosos, e que os espectadores de todas as classes applaudiam com enthusiasmo. A decencia, honestidade e nobreza das palavras anda ligada com os costumes, quando estes mudam tambem aquellas se alteram e desfiguram.

Estamos porém persuadidos de que faria grande serviço á litteratura portugueza o editor, que fazendo judiciosa escolha entre as numerosas obras de Lobo, formasse das melhores dellas uma colecção, que publicada, não teria que invejar as de Paulino, Abbade de Jacente, que tam applaudido corre pelas mãos dos leitores.

C...

A GUITARRA.

(NOVELLA ITALIANA) *

1115 Tinha tocado a Ave-Marias na pequena igreja solitaria de Sancta-Maria d'Ailo, edificada nos extremos do bosque de Gallipoli. Depois de suspenso por algum tempo á superficie das ondas, como um navio que se incendeia, tinha-se o sol submergido no seio radiante do golpho de Tarento. O crepusculo, tam curto nos paizes meridionaes, havia cedido o espaço á noite. O ceu era ja scintillante, e o mar reflectia o ceu, era tudo um firmamento: no ar e na agua em toda a parte reverberavam estrellas. Os tremulos semi-luzeiros dos astros sem que as trevas os podessem apagar faziam vesiveis as trevas, e davam aos campos um não sei quê de mysterioso e de vago, que obrigava a pensar: ter-se-ia ditto que era o dubio clarão dos antigos elysios. O som das vagas adormecidas, unido ao silencio da noite, ao correr longiquo do tintinabulo rustico, produzia um murmurio suave indifinivel, que Pythagoras tomaria pela harmonia das espheras, e Sancta-Cecilia pelo cantar dos anjos. A praia estava deserta; de distancia em distancia via se surgir do meio da escuridão, negros phantasmas, as torres de guarda que defendem éstas costas, e cujas peças ferrugentas são mais hostis aos contrabandistas do que aos piratas.

Um perigrino cuberto com o seu manto lustroso, e com um chapeu de grandes abas, caminhava apressado pela areia; não deixou elle de se descubrir ao ouvir o sino que tocava ás Ave-Marias; e, parando defronte da pequena igreja de Sancta-Maria d'Ailo, resou devotamente a Saudação angelica. Cumprindo este dever, penetrou no interior do bosque e escondeu-se entre as suas sombras. Chegado á outra extremidade do bosque, saltou-lhe derepente o brilho das luzes de Gallipoli, que edificada n'uma ilha, parecia sahir do mar com um ramalhete de fogo.

Parou para contemplar este espectaculo maravilhoso, e julgou-se transportado por algum incantamento ao reino das fadas; a sua imaginação representou-lhe um palacio das *Mil e uma noites*; viu chegar-se o mysterioso anão; seguiu o em silencio aope da torre incantada. A buzina soou, abriu-se uma porta, entrou... Ninguem... Uma salla illuminada com mil lumes, e toda esplendente de gemmas, deslumbrou o de radiante; uma musica invesivel o inebriou de melodia, e o sandalo e a myrrha extaziaram-no com seu perfume voluptuoso. Subitamente se abriu o pavimento de marmore; surge uma mesa carregada de vinhos exquisitos e opiparos manjares: senta-se a este banquete magico, e de delicia em delicia, de sonho em sonho, iria dar comsigo, mesmo pobre perigrino como era, ao leito d'oiro da rainha das fadas, se o sino de Gallipoli, que dava meia-noite, o não houvera tirado do paiz das chimeras para a terra ingrata das realidades.

Este perigrino, cuja imaginação era tam facil de inflammar-se, era o cantor, ainda então desconhecido, da *Pazza per amore*, e do *Marquez Tulipano*; era João Paesiello.

Seu pae era um honesto veterinario de Tarento, que o tinha mettido n'um collegio de jesuitas para ser educado. A grammatica não lhe cahiu em gôsto; estava destinado para a advocacia, mas elle sentia em si outra vocação. O genio da arte tinha-o tocado com a sua varinha d'oiro, e vozes mysteriosas lhe cantavam no coração. Triste e dormente pelos bancos das escholas, o joven alumno não se animava senão na igreja quando o orgão fazia ecchoar pelos espaços as suas vozes harmoniosas.

Não sei que maldade de rapaz lhe merecêra a mavontade dos reverendos padres, o caso é que estes ordenaram que para a expiar fosse elle de perigrinação até á *Madona* de Leuca. Leuca está levantada na extrema ponta da peninsula de Salento, hoje terra d'Otranto, n'um promontorio que faz frente á Grecia. Leuca era n'esse tempo, e é hoje ainda, celebre e venerada no seu paiz. Os devotos a visitam aos ranchos, e os confessores la mandam em penitencia os peccadores arrependidos. Paesiello tinha se subjeitado sem grande repugnancia á penitencia que lhe haviam posto; e o que sentia era que o não tivessem mandado até Jerusalem. A viagem era a sua liberdade.

No dia seguinte estava a pe ao romper d'alva, e os primeiros raios da aurora ja o não incontraram em Gallipoli. O sol sahindo do seio copado das oliveiras, como de um oceano de verdura, passeiava resplendecente pelos plainos do ar, abraseando em vivo vermelho os penhascos e as casinhas brancas disseminadas pela campina. A cidade ja não apresentava aos olhos, como durando a noite, a imagem de um palacio incantado; mas cercada de todos os lados pelo mar que se quebrava espumoso em torno d'ella, e prêsa á terra firme por uma lingua de pedra como uma amarra, similhava um navio gigantesco prestes a desfraldar; as torres das igrejas fingiam os mastros, a neblina da manhan suspensa sobre ella, figurava de vellas tufadas pelas brizas; o rumor das ruas, a vozeria dos marinheiros; e os navios, cujas bandeiras variegadas o vento fazia ondular na bahia, baloiçavam á roda do colosso como escaleres imbandeirados.

A costa em volta é toda eriçada de penedos estereis, angulosos, tombados, que lhe dão singular aspecto de aridez e devastação. Dir-se-iam ruinas de alguma montanha esborralhada em eras desconhecidas. Depois o terreno se levanta derepente e fórma um amphitheatro circular, coroado de olivaes cujo verde acinzentado parecia palido, e contrastava muito com o brilhante azul dos ceus. De vez em quando, alguma palmeira levantava a sua cabeça oriental por sobre as oliveiras, tremulando ao grado das auras maritimas, com aquella graça e mollicia que serão escholla eterna do pintor e do estatuario.

Pelos campos soava, aqui, a gaita-de-folles dos pastores, além a melopea dos ceifeires; e o nosso perigrino ia caminhando contente e á sua vontade, pelo meio d'esta natureza incantadora; tinha mais ar de quem se andava divertindo do que de quem ia cumprir um acto de penitencia e de contricção. Alegre passava dos mattos aos prados e dos prados aos bosques. Agora, venerava tirando o chapeu até baixo, e fazendo o signal da cruz, alguma capella rustica meia-escondida entre arvoredos; logo, atravessava alguma

* Continúo a dar specimens da litteratura dos paizes mais illustrados da Europa, no genero de *novella*. No n.º 30 do presente volume da REVISTA, dei uma novella alleman, nos n.os 39, 40 e 41, uma ingleza, hoje dou outra italiana; seguir-se-ha uma hispanhola: francezas e portuguezas, que é quasi o mesmo, ja se teem lido muitas nas columnas d'este jornal.

aldea elegante e aceiada, como ha tantas n'aquelle paiz.

D'este número é o bonito casal d'Alista, que achou quasi deserto; toda a povoação estava derramada pelos campos; alguns velhos mudos que se aqueciam ao sol, uma meia-duzia de crianças que se rebolcavam nuas pela terra, e duas ou tres mulheres velhas, amarellas, sêccas, decrepitas, que fiavam á porta rosnando com voz raucisona toadas monotonas; taes eram os pacificos cerberos a quem de dia estava confiada a guarda do casal. A passagem do perigrino fez-lhes sensação; as mulheres callaram-se, os velhos levantavam devagarinho o seu maioral a quem a edade fizera pesado, e as crianças fugiam com medo a esconderem-se entre as pernas de seus avós.

Toda a manhan se passou assim. Á tarde, toldou-se o tempo; o vento levantava-se e assoviava por entre as arvores do bosque e os reconcavos dos montes; e o ceu estava livido e manchado d'essas côres carregadas e sem concordancia, que são signal de trovoada nas regiões meridionaes. Cada vez mais grossas, cada vez mais temerosas, as nuvens remoinhavam com tremenda rapidez e se embatiam no espaço; o ceu rebramava surdamente como o trovão subterraneo que precede os terramotos; o rolar remoto do trovão, primeiro ao longe e em estalidos, depois proximo e contínuo, confundia-se com o bramido das ondas: ésta borrascosa harmonia ia fenecer ao longe n'uma planicie deserta, immensa, sem eccho; o horisonte estava espantosamente negro e medonho, annunciando ao mundo um novo diluvio; grossos pingos d'agua turbilhonavam no ar; a alluvião não tardava muito.

Paesiello tinha carregado o seu chapeu sôbre os olhos, e caminhava com passos accelerados. O vento coava com furia por entre as pregas da sua capa, mas sem podêr arrancar-lha; o olhar inquieto do perigrino sondava em vão o espaço; elle não lobrigava um tecto, nem siquer uma arvore, onde se podesse abrigar. Afinal, quando a chuva cahia ja em abundancia, pareceu-lhe devisar um edificio isolado no meio dos campos. Incaminha-se para elle, apressa o passo, chega: era um albergue de pastores onde foi recebido com carinho, com essa commiseração toda paternal, que commove as intranhas do povo á vista das precisões humanas.

Mas apenas pôs pe na casa hospitaleira, a trovoada rebenta por cima d'ella como uma tromba; o tecto foi arrebatado como uma folha, e desabou quebrando-se em pedaços contra as pedras do pateo. A ésta matinada horrorosa, todos os habitadores, homens e mulheres, atiraram comsigo de joelhos, rompendo n'uma explosão de gritos, ais e invocações apaixonadas. Batiam nos peitos chorando, e o nome valedor da Madona era misturado com o ruido pavoroso de todos os bramidos da tempestade. Mas a rainha dos anjos parecia pouco disposta a vir em seu auxilio; o vento ameaçava destroçar completamente o pobre albergue destelhado; a agua da chuva cahia alli em torrentes; tinha entrado em toda a parte, e o balido dos rebanhos, meio submergidos no redil, acompanhava ainda o lamentar dos pastores.

Passado o primeiro aballo, novo medo os tomou ainda. Poseram-se a olhar uns para os outros, com esgares d'intelligencia e palavras intercortadas, cuxixavam, faziam signaes equivocos, deitavam de revez sôbre o perigrino olhos desconfiados. Pouco a pouco se desviaram d'elle, e em breve foi tido por *inguiço*, isto é: era accusado de haver trazido o quebranto ao pacifico albergue.

Trazendo á idéa a sua subita apparição na occasião da catastrophe, que immediatamente o seguiu, os camponezes fizeram d'isso motivo para suas inducções supersticiosas. Ésta coincidencia fortuita era, a seus olhos, prova irrefragavel da sua connivencia com os elementos e os poderes do abysmo. Mais ainda, emquanto elles estiveram de joelhos, o perigrino tinha ficado empe, com o chapeu na cabeça, e não tinha feito oração como elles — 'Uma vez que elle não resou n'um perigo tão grande,' diziam elles uns aos outros, 'está visto que não resa nunca: os demonios nunca resam; elles profanariam o Sancto Nome da Madona, somente pronunciando-o, assim como a caldeirinha d'agua-benta se seccaria apenas lhe tocassem com as pontas dos seus dedos amaldiçoados.' Á vista de provas e razões taes, não havia para duvidar de que tal creatura não podia ser um homem, era por força um feiticeiro, ou talvez peior ainda, um espirito-maligno disfarçado em perigrino: e tambem não podia haver duvida de que o calçado lhe incubria um negro pe-de-cabra.

Á força de alimentarem éstas imaginações chimericas, chegaram a perder de todo o sentido da realidade, e o pobre Paesiello deixou de lhes parecer deveras o que na verdade era. Como Proteu milagroso, a sua figura tomou proporções phantasticas para aquelles olhos prevenidos e fascinados. Para um, tinha crescido um covado; para outro, diminuíra outrotanto; este, via-o cuberto de uma nuvem sombria; aquelle, cercado de um turbilhão de fogo; alguns, nem siquer o viam ja; todos, n'uma palavra, o lançaram no molde de suas visões interiores, e davam-lhe fórmas que so em seus sonhos podiam existir.

Elle era tudo ao mesmo tempo, anão, gigante, feiticeiro, demonio, que sei eu mais? Mais medrosas porque mais credulas, as mulheres eram as mais ferteis na invenção de taes metamorphoses; ellas seguiam todos os seus movimentos, e nem um instante o perdiam de vista, como se esperassem a cada momento vel-o adejar e voar pelos ares.

A trovoada no emtanto não abrandava; ao contrario, redobrava: fazia um tempo como se estivera para acabar o mundo; chuvia, e que chuva! pedra e saraiva, trovões, raios, relampagos uns sôbre outros; uma estallada era suffocada por outra mais forte ainda; e o vento, como se tivesse receio de ser excedido na violencia, reforçou a furia; o mar remechido por elle até ao fundo dos abysmos, reunia ao longe o seu bramar com todo o outro fremito; o ceu, sulcado, de faiscas, aberto por um fuzilar sanguineo, similhava uma peneira preta com o inferno a arder por detraz.

Mas se o inferno não estava no ceu, estava decerto no albergue dos pastores. Os horrores da natureza eram apenas fraca imagem das paixões homicidas que tumultuavam no peito dos pastores, prestes a trasbordar. Quanto mais a borrasca se desencadeiava, mais se desencadeiava tambem a sua phanatica cholera, contra o feiticeiro ingrato, que tinha chamado sobre o tecto hospitaleiro a maldição dos elementos. Até alli

porém, o seu furor tinha sido mudo e concentrado; tudo por emquanto havia ficado em gestos, e signaes de mau-agoiro, em olhares de raiva; mas este silencio era sinistro; os exercitos estavam frente a frente, um na defensiva outro prompto para o ataque: ambos se interrogavam, se ameaçavam com a vista; e não faltava senão uma palavra para os fazer vir ás mãos.

Esta palavra foi ditta.

A terrivel palavra de *feiticeiro* estava em todas as boccas, mas nenhuma a tinha ainda ditto de rijo; uma mulher a disse, e ésta palavra fatal foi o signal das hostilidades; tam depressa como fôra pronunciada voou de bocca em bocca como um raio, e o relampejar da vingança faiscou de todos os olhos. Tam religiosamente prostrados, um instante havia, aos pés da Madona, todos aquelles devotos deitaram mãos dos cajados e bordões, gritando: 'morra o feiticeiro!'

Homens, mulheres e até crianças, tudo estava armado; seria necessario um milagre para salvar o pobre perigrino. Aponto de cahir sobre elle, os acommettedores foram subitamente tomados de um terror supersticioso, e pararam em certa distancia do inimigo como se elle estivera fechado n'um circulo magico inexpugnavel.

Ésta parada foi a sua salvação, cahiu-lhe do ceu uma idéa luminosa: havia uma guitarra pendurada na parede, pegou n'ella e pos-se a tocar uma aria vagarosa, profunda e tam suave que, como a lyra de Orpheu, abrandou as feras. Mais poderoso que o marido d'Eurydice, o tocador distrahiu as paixões homicidas e triumphou dos seus instinctos de destruição.

As mulheres, mais arrebatadas mas tambem mais mudaveis, foram as primeiras a sentir o podêr da harmonia: os seus nervos retezados pela colera afrouxaram com a musica, os seus transportes sanguinarios acalmaram, as mãos se lhe abriram por si mesmas para deixar cahir as suas armas. A commoção tocou os homens: ja os seus olhos não scintillivam sentelhas tam bellicosas, os seus braços ja se não interiçavam com tammanha violencia, os seus beiços ja não tinham sede de sangue. As crianças atiraram logo para longe com os paus em que tinham pegado, por imitação, e aos primeiros sons da guitarra poseram-se a saltar á roda do feiticeiro. As mulheres não tardou que fizessem o mesmo, attrahidas pelas vozes vivas, sonoras, irresistiveis do instrumento nacional. Os nervos italianos não podem resistir a coisas assim; electrizados tambem, os homens largaram bordões e cajados, e todo aquelle exercito foi posto em movimento, não para o combate mas para a dança; de modo que tudo se converteu n'uma tarantella geral.

Empe no meio do albergue, sem chapeu e alagado em agua, o feiticeiro dobrava e tresdobrava o compasso, para não dar ao inimigo nem tempo de respirar, nem de dar por si, e de tornar, por meio da reflexão, aos seus projectos homicidas. Notas impetuosas jorravam d'entre seus dedos infatigaveis, e os bailarinos, grandes e pequenos, seguiam cegamente o seu caprixo. Ainda quando tivessem querido resistir o não poderiam; governados, tyrannizados pela musica, não pertenciam ja a si mesmos, estavam á mercê do guitarrista.

Ora, se a trovoada de dentro tinha abrandado, a de fóra não tinha. Os relampagos continuavam a romper as nuvens, os trovões faziam estremecer a terra debaixo dos pés. O vento açoitava o tegurio, a saraiva batia lhe por todos os lados, a chuva alagava tudo. As ovelhas balavam, os bois mugiam, os cães uivavam desesperadamente, e no meio d'esta confusão, pastores e mulheres dançavam sem descanço com os pés n'agua e a cabeça ao vento. Esquecido da sua gravidade patriarchal, o proprio chefe da familia, venerando velho de cabello branco, dançava como os outros, galvanizado pela guitarra. As suas pernas caducas tinham adquirido vigor de rapaz.

Era então, certamente, que os pastores se poderiam dizer infeitiçados, elles, suas mulheres, seus filhos, zagais e zagallas. Ao ver este baile extraordinario, em tal logar, e n'aquella occasião, quem o não diria com toda a certeza, desvario de loucos, ou phrenesi de gente mordida pela tarantula?

Tudo porém deve ter fim; a orchestra ja não podia mais, os bailarinos estavam na última, e mais de um ja estava por terra; aproveitando-se d'esta fadiga para levantar campo e bater em retirada, Paesiello, reuniu todas as suas forças, e precipitou então o compasso de tal maneira, com tal fuga e furor, que quasi todos os homens cahiram desfallecidos; as mulheres como mais nervosas resistem mais tempo.

Quando todos tornaram a si o perigrino tinha desapparecido.

O ceu fechára as cataratas. Ja não chuvia, cessára a saraiva, o trovão ja não roncava senão muito ao longe e com largos intervallos, o vento tinha varrido o ceu e empurrado as últimas nuvens além do horisonte. Esgotada pela sua propria furia, a tempestade estava vencida, reduzida ao silencio, so rugia surdamente como o lião que depois do combate entra prostrado no seu covil. Mergulhando uma das suas pontas no Adriatico outra no Mediterraneo, um vasto arco-iris estava abobadado por cima da peninsula, ostentando a sua faixa de sette côres, emblema da paz e da esperança.

O sol dilatava-se por um cobertor de purpura e oiro, porque a natureza tranquilla alardeava de novo todas as suas pompas; o ceu sereno, purificado, era de uma trasparencia, de uma limpidez que annulava todas as distancias; algumas pequenas nuvens verdinegras ainda, dispostas em longos cintos, delgados e estreitos, eram os unicos indicios de que uma trovoada tinha passado. As côres abrazadas do poente impallideciam de instante para instante; o oiro convertia-se em purpura, a purpura em azul, o azul em alvacento, e as primeiras estrellas fulguraram no firmamento. O silencio reinava na campina, e as *Ave-Marias* soaram na torre da Madona de Leuca.

A este tempo um joven perigrino entrou na igreja, e o sachristão viu-o pasmado tirar uma guitarra debaixo do manto, e pendural-a *ex-voto* ao lado do altar da Madona.

(Raccolta.)

VARIEDADES.

VANTAGENS HYGIENICAS DO BIGODE.

1116 Um dos jornaes d'esta cidade deu a noticia da prisão de um homem, em certa terra de uma das nossas provincias, por usar de bigode.

Muito a proposito encontrámos n'um dos jornaes, *magazines*, inglezes o seguinte artigo, que recommendâmos á severa auctoridade, que com tammanho prejuizo da saude pública ousa perseguir os bigodes.

«O bigode apresenta uma vantagem physica importante, não so como ornamento do rosto, mas tambem como disfarce de um beiço superior muito grande, ou de uma bocca mal-feita. Na sociedade civil, póde cadaum fazer o que lhe parecer a este respeito, segundo as regras naturaes e consultando a sua commodidade ou conveniencia, sôbre o modo ou occasião de affrontar as vicissitudes do tempo; mas o soldado (*) está exposto arbitrariamente às intemperies das estações e mudanças de climas. Para modificar as temperaturas extremas, parece que a natureza apontou com o dedo para o uso do bigode; porque elle abriga os beiços e conserva os dentes, pelo menos em quanto o habito nos não põe em estado de resistir aos calores e frios excessivos.

Os cabellos são corpos não conductores, por conseguinte o calor do sol não póde penetrar atravez d'elles no interior, e assim tambem o calor dos beiços e da bocca não se dissipa exteriormente. D'este modo fica estabelecida uma temperatura igual á roda da pelle dos beiços, e o esmalte dos dentes fica preservado de todo o damno. Nos tempos de calor e nos climas dos tropicos, a pelle dos beiços é muitas vezes subjeita a gretar, incher-se de borbulhas e chagar; com o frio resseca e cobre-se de cieiro; por consequencia usando de bigode, os beiços e os dentes ficam mais aptos para agarrar e morder o cartuxo, em todas as estações e em todos os climas.

O tempo que o soldado gasta em se arranjar para a parada será muito abbreviado, e poderá apresentar-se mais prompto debaixo d'armas, tanto em tempo de paz como de guerra; sem contar que se lhe evita o incommodo de fazer a barba com o frio.

Numerosas circumstancias, durante um serviço activo de terra e mar, teem feito com que se permitta aos soldados e marujos o uso momentaneo do bigode, e até de toda a barba, o que prova a vantagem de incurtar e simplificar a *toilete* do soldado.»

CORREIO-NACIONAL.

1117 No dia 29 do passado entrou o vapor inglez *Jupiter* (paquete do Sul) com 50 passageiros. Sahiu no dia 30 para o Norte com 82 passageiros.

Publicou-se o hymno do Papa Pio IX, para piano e canto, com a lettra em italiano e portuguez, ornado com o retratto d'aquelle pontifice. Excellente papel, edição nitida, preço — 240 rs. — Vende-se na loja de Lavado, rua Augusta n.º 8, e outras.

O theatro de San'Carlos abriu-se effectivamente no dia 29 do passado. A falta de espaço não nos permittiu hoje tractar d'este assumpto; reservamo'-nos a fazel-o opportunamente.

Parece que finalmente o governo adjudicára o subsidio de seis contos de réis annuaes ao theatro de D. Maria II. A adjudicação ainda não constou officialmente.

No último do mez findo existiam na alfandega do terreiro, os seguintes generos: farinha, 148 moios; trigo, 7,302; cevada, 1,215; milho, 1,085; centeio 434. Os preços regulavam assim: farinha, de 9$000 a 9$600 réis a barrica; trigo, de 640 a 800 réis o alqueire; cevada de 280 a 360 réis; milho de 290 a 400 reis; centeio de 320 a 420 réis.

Espera-se que por estes dias será aberta a navegação no canal da Azambuja, até á ponte de Sancta-Anna.

A rainha viuva da Gran'Bretanha sahiu effectivamente no dia 27 para a Madeira, mas não foi acompanhada por nenhum vaso da esquadra britanica surta no Tejo. S. M. parece que visitára a feira do Campo-Grande, almoçára um dia na Pena (em Cintra), e dera uma avultada esmolla para o Asylo da mendicidade.

Por decreto de 17 de settembro último foi concedido a José Martins de Azevedo, podêr explorar e lavrar uma mina de chumbo sulfurado, situada na proximidade do logar de San'Miguel d'Axe, no districto de Castello-Branco.

Recebemos do Sr. Claudio Adriano da Costa, um folheto que este illustre economista acaba de publicar, com 72 paginas em oitavo francez, e que intitulou: *Principios da sciencia applicados á creação da companhia Confiança-Nacional e do Banco-de-Portugal* É provavel que mais largamente nos occupemos d'este opusculo.

Recebemos do Porto o *discurso recitado na academia polytechnica* daquella cidade, *na abertura do anno lectivo de* 1846 *para* 1847, pelo lente da quinta cadeira, o Sr. Joaquim Torquato Alvares Ribeiro. N'um dos proximos números d'este jornal tractaremos d'este interessante discurso.

No dia 1.º do corrente entrou o vapor inglez *Montrose* (paquete do norte) com folhas de Londres até 26 e de Paris até 24. Os fundos portuguezes ficavam a 21 e meio. Trouxe 105 passageiros. Sahiu no dia 2 para o sul com 35 passageiros.

Praça-de-Lisboa. — As transacções estiveram mais animadas ésta semana, realisaram-se bastantes compras. Subiram as acções do Banco-de-Portugal a 390$000 rs., desceram as da Confiança a 330$000 rs. Subiram as do Banco-do-Porto a 215$000 rs. O agio das notas chegou a 41 por cento.

(*) O exercito inglez não usa de bigode. E' isso que deu occasião a este artigo mui seriamente tractado, como se verá. *Da Redacção.*